

COLONOS MORIGERADOS E LABORIOSOS: O PAPEL DA IMIGRAÇÃO ITALIANA NO PARANÁ

Fábio Luiz Machioski¹

Introdução

Tendo como base algumas fontes primárias contidas no Arquivo Público do Estado e no Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes, este presente trabalho tem por objetivo mostrar de que forma se deu o processo de imigração no Paraná. Para tanto, tomaremos como exemplo os imigrantes italianos, sobretudo os que se estabeleceram em colônias ao redor de Curitiba, como é o caso da colônia Alfredo Chaves que será o principal alvo dessa investigação. Outra pretensão dessa pesquisa é investigar o tipo de trabalho que os imigrantes passaram a exercer a fim de se estabelecer e de desenvolver a região aonde se instalaram.

Processo de Imigração

Convém que falemos um pouco sobre o processo de imigração no Brasil antes de tratarmos da entrada de imigrantes italianos no Paraná. Sabemos que o processo de imigração fez parte da política de povoamento do Brasil, e que este processo se deu de maneira muito lenta. O território brasileiro, desde a sua descoberta precisou muito de população para garantir progresso, desenvolvimento e prosperidade. O governo português acreditava que a introdução de trabalhadores estrangeiros “desnacionalizasse” a colônia.

Dessa forma os primeiros trabalhadores estrangeiros que entraram no Brasil foram os negros escravizados. O trabalhador negro foi trazido para suprir a escassez de braços indígenas, da mesma forma os imigrantes foram requeridos a fim de substituir o trabalho escravo. Esse fato nos permite afirmar que a escravidão foi indiscutivelmente um dos principais motivos que retardou o processo de imigração.

¹ **Fábio Luiz Machioski** é historiador pela Universidade Federal do Paraná (2004). Atualmente trabalha junto ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Colombo e está cursando Especialização em Linguagens do Patrimônio Cultural na Universidade Tuiuti do Paraná. Atua principalmente nos seguintes temas: Imigração Italiana, Município de Colombo, Patrimônio Imaterial, Italianidade e Dialeto Veneto.

Nesse contexto foram trazidos para o Brasil os primeiros imigrantes e os resultados positivos dos trabalhos de parceria, de contrato de colonos e do tratamento de cafezais, incentivaram o Governo a assumir maiores compromissos com o processo de imigração para que houvesse maior desenvolvimento na nação.

Durante o governo de D. Pedro II, o Brasil manteve uma política bem interessante para atrair os imigrantes europeus. Trata-se da impressão de folhetos que faziam propaganda das terras brasileiras, informando sobre sua vastidão e suas vantagens para a agricultura. Esses folhetos eram impressos em diversos idiomas e divulgados nos países europeus, onde chamavam a atenção daqueles que estavam interessados em tentar a sorte na América. Para se ter uma idéia, queremos apresentar a transcrição parcial de um documento que faz referência sobre a Província do Paraná. Não se trata de um folheto de propaganda, mas sim de uma espécie de carta resposta, um relatório endereçado a D. Pedro II contando sobre uma execução de contrato de emigração para o Brasil:

“Notícia concernente à emigração para o Brasil dedicada a Sua Magestade o Imperador por seu fiel e humilde súdito – Luiz Rodriguez D’Oliveira.”

Paris, 12 de Novembro de 1875.

“Notícia sobre a execução de contrato celebrado pelo Governo Imperial com o cidadão Joaquim Caetano Pinto Junior, para a introdução de emigrantes europeus...”

A Província do Paraná deve merecer preferencia para a concentração desses colonos, que se vão estabelecer como pequenos proprietários; o clima é allí muito semelhante ao clima do sul da Europa ! os imigrantes se aclimatarão portanto com facilidade; o solo e o clima se prestão a cultura semelhante a que os colonos fazem na Europa, a construção de estradas é ali fácil desde que se venceu por meio da Estrada da Graciosa o principal embaraço que havia para a comunicação entre os portos do mar e a planicie elevada que forma a principal parte da provincia; já existem alí núcleos coloniais e portanto tradições de colonização, por outro lado é de subida importancia criar-se uma forte colonia nas proximidades de uma provincia onde se faz a grande lavoura afim de por-se facilmente em contacto os colonos europeus com os nossos fazendeiros, facilitando-se assim a dissipação dos preconceitos que existem de parte a parte; a medida que esses preconceitos se forem dissipando, os fazendeiros irão encontrando nas colonias braços de que carecem para conservarem as plantações de café...

Ora o Paraná confina com São Paulo, onde se cultiva em grande escala o café e também o algodão, a cana de assucar e o fumo; a província do Paraná é pois a mais apropriada para servir de medianeira na substituição do trabalho escravo pelo livre...”²

Nessa perspectiva convém lembrar que o território paranaense pertenceu à província de São Paulo durante toda a primeira metade do século XIX, e que teve sua emancipação somente no ano de 1853, mas mesmo assim continuou sendo uma província vizinha a província paulista. Esses fatos nos permitem afirmar que o Paraná tinha uma considerável chance de servir como mediador na substituição do trabalho escravo pelo trabalho livre, pois era vontade do governo fazer com que os imigrantes europeus mantivessem contato com os fazendeiros paulistas.

Na mesma direção, outros dois fatores que favoreceram a implantação de colônias na província paranaense, e que como vimos foram considerados, são as situações do clima e do solo que aqui se apresentam de maneira muito semelhante ao clima do sul da Europa. Vejamos abaixo a transcrição parcial de outro documento, ainda do período imperial, que exhibe uma notícia dada pela Inspeção Geral de Terras e Colonização que se refere ao Paraná:

“Província do Paraná....

...Encerra em profusão todos os elementos naturaes para ser facil e convenientemente colonizada, pois seo clima é ameno e saudavel, suas terras demasiadamente ferteis prestando-se a todos os generos de cultura e o seo territorio é cortado em diferentes sertidos por volumosos rios.

Não está sujeita a secas prolongadas porque dispõe de um sistema fluvial bem alimentado e perfeitamente distribuido, nem a inundações perigosas graças a excelente conformação dos leitos de seos rios e a natureza favoravel dos terrenos por onde correm.

Nas zonas mais frias caem frequentes geadas durante o inverno, não ofendendo as plantações porque raríssimas vezes são extemporaneas.

² Docto. “Das Memórias”, Arquivo Nacional – Rio, com cópia no Arquivo da Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes. Coleção de Correspondências – IMPERIO DO BAZIL – Século XIX.

A índole de seos habitantes é dócil, recebendo eles de braços abertos os emigrantes estrangeiros que buscam a província familiarizando-se logo com seos habitos, tolerando seos preconceitos e auxiliando-os franca e sinceramente.”³

Dessa maneira acredito que fique fácil compreender de que forma o território do Estado do Paraná serviu a política imigratória brasileira.

Quanto a distribuição de terras e sua regulamentação para que se estabelecessem núcleos coloniais no Brasil convém adiantar que eram baseadas em leis e decretos emanados da Corte, com sede no Rio de Janeiro. A esse respeito a Lei Imperial nº 601, de 18 de setembro de 1850, instituiu a Inspeção Geral de Terras e Colonização, cuja função fica bem clara tanto pelo próprio nome da Instituição como pelo documento antes apresentado.

Cada Província podia legislar de maneira independente sobre a imigração em seu território, visando o maior desenvolvimento possível tanto ao governo quanto aos imigrantes. Dessa forma as províncias estavam livres para promover a imigração afim de resolver o problema da carestia. Esse problema que tomava conta de todo o país pode ser observado no Paraná através de um trecho do Relatório do Presidente da Província de 1858:

“É para se lamentar que esta província, cujos terrenos produzem com abundância a mandioca, o arroz, o café, a cana, o fumo, o milho, o centeio, a cevada, o trigo e todos os gêneros alimentícios, compensando tão prodigiosamente os trabalhos do agricultor, receba da marinha e por preços tão exagerados a maior parte daqueles gêneros. Este estado de cousas porém tenho que continuará e que só quando colonos morigerados e laboriosos vierem povoar vossas terras vastas e fecundas, aparecerá abastança dos gêneros alimentícios e abundantes sobras do consumo irão dar nova vida ao comércio de exportação dos produtos agrícolas.”⁴

³ Docto. “Das Memórias”, Arquivo Nacional – Rio, com cópia no Arquivo da Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes. Coleção de Correspondências – IMPERIO DO BAZIL – Século XIX.

⁴ Relatório do Presidente Francisco Liberato de Matos, apresentado na abertura da Assembléia Legislativa Provincial, em 7 de janeiro de 1858. Curytiba, Typografia Paranaense, 1857, p.21.

Imigração Italiana

Sabemos de antemão que todos os imigrantes italianos que entraram no Brasil no século XIX, sobretudo na segunda metade do século XIX, embarcaram no porto de Gênova e que obrigatoriamente, assim como para qualquer imigrante procedente da Europa, desembarcavam na Ilha das Flores, baía de Guanabara, Rio de Janeiro. Nessa ilha eram realizados os registros exigidos pelo sistema político e também uma série de exames médicos. Aos que passassem por essas burocracias o tempo de permanência na Ilha era geralmente de dois a quatro dias. No ato do registro de desembarque os imigrantes deviam informar o nome e sobrenome, a procedência, o nome do navio, idade, sexo, naturalidade, religião, profissão, data de chegada e no mesmo instante era-lhes informado para qual província do estado devia dirigir-se para a sua fixação.

Portanto, do porto do Rio de Janeiro os imigrantes eram embarcados em navios menores com destino às Províncias onde eram aguardados, assim seguiam para os mais diversos locais do Norte, do Leste e do Sul do Brasil.

O estímulo à imigração na Província do Paraná aconteceu desde de cedo, já com o primeiro presidente da Província, Dr. Zacarias de Goes e Vasconcelos, conforme Lei nº 29, de 21 de março de 1855:

“Fica o governo autorizado a promover a imigração de estrangeiros para esta província, empregando neste sentido os meios que julgar mais convenientes...”⁵

Para os imigrantes que vinham para a Província do Paraná a porta de entrada era o porto D. Pedro II, em Paranaguá. Nesta localidade os imigrantes mais uma vez passavam por um registro, semelhante ao praticado na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. Após feito esse novo registro os imigrantes eram encaminhados para hospedarias existentes tanto em Paranaguá, como em Antonina e Morretes. Foi no território de Morretes, situado a cerca de cinquenta quilômetros de Paranaguá, ao pé da Serra do Mar, que os imigrantes italianos formaram os primeiros centros coloniais. Este local apresentava um solo muito fértil e água

⁵ Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Leis da Província do Paraná: Tomo II, 1855, pág. 18.

em abundância, por isso foi escolhido pelo governo para a implantação de colônias. Apesar dessas condições favoráveis muitos dos primeiros colonos não se adaptaram a alta temperatura e a umidade, de modo que sentiram a necessidade de emigrar para o planalto.

A princípio os imigrantes passaram a transpor a Serra do Mar com suas carroças pela estrada da Graciosa que começava em Antonina, mais tarde (1881-1885) com a construção da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba, que passava por Morretes, os imigrantes eram facilmente transportados para planalto curitibano. Dessa forma muitos emigraram para o planalto e fundaram as primeiras colônias perto da capital.

A essa altura nós podemos apresentar um documento que nos indica de que forma os imigrantes ajudaram no desenvolvimento do Paraná. Trata-se de um documento que comprova que os imigrantes italianos foram muito úteis na elaboração da estrada de ferro Paranaguá-Curitiba:

“Na construção da Ferrovia Paranaguá-Curitiba, no seu trecho mais difícil, isto é, da estação de Volta Grande a Roça Nova, como pedreiros, cavouqueiros, canteiros e no preparo das minas, nas perfurações dos túneis, os Italianos tiveram parte saliente.”⁶

Colônia Alfredo Chaves

Como já apresentamos muitos dos imigrantes italianos estranharam o clima do litoral e foram transferidos para a formação de colônias no planalto curitibano. Nesse contexto podemos citar algumas colônias que mais tarde se transformariam em municípios da Região Metropolitana de Curitiba: Antônio Rebouças (Campo Largo), Novo Tirol (Piraquara), Murici e Inspetor Carvalho (São José dos Pinhais), Alfredo Chaves (Colombo) e outras.

Vejamos agora a transcrição parcial do Relatório do Engenheiro Chefe do 2º Distrito de Medições e Colonização que serve de documento na análise da fundação da Colônia Alfredo Chaves:

⁶ Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, Vol. VI de 1965, pág. 55.

Colônia Alfredo Chaves

“Fundada em setembro de 1878 por italianos do Padre Angelo Cavalli, que recusaram estabelecer-se no Piraquara, está situada em terrenos de boa qualidade e a pouca distância da Colônia Santa Cândida, arredores de Curitiba.

Os colonos acham-se satisfeitiíssimos, a ponto de preferirem trabalhar em seus lotes, a aprontarem estradas...”⁷

Dentro desse contexto vemos a participação de um imigrante sacerdote que com certeza servia de líder para os colonos italianos que se mudaram de Morretes para o planalto curitibano. Convém divulgar um pequeno estrato de uma correspondência oficial da Província do Paraná que prova que o padre Angelo Cavalli foi capelão em Nova Itália, Colônia italiana de Morretes:

“ ...que foram feitos pagamentos pela Comissão do 1º distrito ao Capelão da Colônia Nova Itália, Angelo Cavalli...”⁸

Cabe analisar também que esse documento que trata da fundação da Colônia Alfredo Chaves nos mostra que os imigrantes optaram por uma região ao mesmo tempo que rejeitaram outra. Um próximo documento vai demonstrar que logo depois de decidido o local de estabelecimento da nova colônia o governo tinha pressa em assentar os colonos italianos, para isso autorizou a imediata construção das casas, conforme os editais publicados no Jornal Dezenove de Dezembro:

“A Comissão de Medições do 2º distrito precisa contratar a construção de casas para os colonos nos núcleos Antônio Rebouças e Alfredo Chaves. Quem pretender esse serviço dirija-se ao escritório do Engenheiro Chefe, Antônio Cândido Rodrigues.

Colônias Antônio Rebouças e Alfredo Chaves – Chama-se a atenção dos senhores mestres carpinteiros para o edital do engenheiro Dr. Antônio Cândido Rodrigues,

⁷ Arquivo Público do Estado do Paraná. Correspondência do Governo do Estado, Livro 567, ano de 1789.

⁸ Arquivo Público do Estado do Paraná. Correspondência do Governo do Estado, Livro 543, fl.147, ano de 1878.

chamando contratantes à construção de casas nestas colônias, situadas a pequena distância desta capital.”⁹

Portanto, podemos afirmar que a construção de casas nas colônias de imigrantes colaborou com o crescimento da região e também da sua economia.

Outra notícia importante encontrada no Jornal de Dezenove de Dezembro é a emancipação da colônia Alfredo Chaves:

“No dia 04 do corrente realizou-se a emancipação da colônia Alfredo Chaves, fundada em setembro do ano findo, procedendo-se nessa ocasião a distribuição dos títulos provisórios dos lotes de terras aos colonos.

Situada a 23 Km desta Capital, assenta em terrenos de grande fertilidade.

Conta 80 lotes, sendo 40 urbanos e 40 rurais, formando os primeiros a povoação, que se denomina – Alfredo Chaves, composta pelas ruas Therezio, Antunes, Limoeiro, Chalréo e Torres.

Ocupa a colônia a área total de 4.847.970 metros quadrados. Sua população é de 162 pessoas, sendo 48 homens, 42 meninos, 42 mulheres e 30 meninas.”¹⁰

Esse último documento nos mostra que a colônia Alfredo Chaves recebeu sua emancipação no dia 04 de janeiro de 1879. Outro dado presente neste último extrato de fonte é que a colônia era formada por lotes urbanos e lotes rurais o que nos revela que os imigrantes italianos ali instalados dedicavam-se a agricultura. Essa suposição é confirmada ao analisarmos mais um estrato do Dezenove de Dezembro:

“Colônia Alfredo Chaves – Esta colônia fundada em terras do Butiatumirim, a 23 quilômetros da capital, onde acham-se colocados colonos italianos, em sua maioria venezianos, foi ontem visitada por S. Ex.^a o Sr. Dr. Presidente da Província.

Acham-se concluídas quase todas as casas, ocupando-se, já os colonos com plantações de milho e de feijão, que prometem abundante colheita.

⁹ Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Jornais do Século XIX. Dezenove de Dezembro, 30/10/1878.

¹⁰ Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Jornais do Século XIX. Dezenove de Dezembro, 09/01/1879.

A salubridade do clima e a excelência das terras asseguram prosperidade e bem estar aos colonos em geral dedicados ao trabalho.”¹¹

Na tentativa de esclarecer ainda mais sobre que tipo de trabalho os imigrantes italianos dessa colônia exerceram, e sobretudo mostrar a importância de tal atividade para a economia local o presente trabalho apresentará um último documento. Trata-se de uma correspondência oficial:

“Os abaixo-assinados, imigrantes do ex. núcleo Alfredo Chaves, vêm, cheios de confiança em V. Excia. pedir para que se digne tornar mais suave o transporte de gêneros de suas lavouras ao mercado da Capital, visto como, torna-se bem penoso com a falta de uma boa estrada, como V. Excia. presenciou com a visita que acaba de fazer a este Núcleo; além de quasi intransitável, estão sujeitos os abaixo-assinados ao pagamento do imposto na barreira do Bacacheri; esperam pois os abaixo-assinados em V. Excia. que se dignará deferir como é de justiça...”¹²

Conclusão

A cargo de conclusão cabe apresentar os pontos que foram discutidos durante a exposição dos documentos e que respondem a proposta desta pesquisa. Os extratos acima apresentados nos mostraram o porque o Paraná serviu ao processo de imigração e de que forma serviu, ou seja, de que maneira os imigrantes italianos foram impulsionados a estabelecer colônias no Paraná. Pudemos compreender de maneira particular como se deu o processo de instalações de colônias italianas em território paranaense. Analisamos a composição de uma colônia do planalto curitibano, a fim de demonstrar a importância que essas tiveram no desenvolvimento da região. Outro ponto importante que devemos destacar é que durante o desenrolar da pesquisa pudemos identificar quais os trabalhos exercidos pelos imigrantes que contribuíram para o desenvolvimento de suas próprias colônias e também para o desenvolvimento de todo o estado.

¹¹ Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Jornais do Século XIX. Dezenove de Dezembro, 12/12/78.

¹² Arquivo Público do Estado do Paraná. Correspondência do Governo do Estado, Livro 794, fl.180 ss, ano de 1886.

Fontes

1. Docto. “Das Memórias”, Arquivo Nacional – Rio, com cópia no Arquivo da Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes. Coleção de Correspondências – IMPERIO DO BAZIL – Século XIX.
2. Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Leis da Província do Paraná: Tomo II, 1855, pág. 18.
3. Boletim do Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico Paranaense, Vol. VI de 1965, pág. 55.
4. Arquivo Público do Estado do Paraná. Correspondência do Governo do Estado, Livro 567, ano de 1789.
5. Arquivo Público do Estado do Paraná. Correspondência do Governo do Estado, Livro 543, fl.147, ano de 1878.
6. Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Jornais do Século XIX. Dezenove de Dezembro, 30/10/1878.
7. Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Jornais do Século XIX. Dezenove de Dezembro, 09/01/1879.
8. Arquivo do Círculo de Estudos Bandeirantes. Jornais do Século XIX. Dezenove de Dezembro, 12/12/78.
9. Arquivo Público do Estado do Paraná. Correspondência do Governo do Estado, Livro 794, fl.180 ss, ano de 1886.

Bibliografia

- SANTOS, Carlos R. A. *Vida Material Vida Econômica* (Coleção História do Paraná; textos introdutórios). Curitiba: SEED, 2001.
- NADALIN, Sérgio O. *Paraná: Ocupação do Território, População e Migrações* (Coleção História do Paraná; textos introdutórios). Curitiba: SEED, 2001.
- BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil P. e WESTPHALEN, Cecília M. *História do Paraná*. 1º Volume. Curitiba: GRAFIPAR, 1969.
- FERRARINI, Sebastião. *A Imigração Italiana na Província do Paraná e o Município de Colombo*. Curitiba: Editora Lítero-Técnico, 1973.
- FERRARINI, Sebastião. *O Município de Colombo*. Curitiba: Champagnat, 1992.
- FERRARINI, Sebastião. *Colombo: centenário da imigração italiana*. Curitiba: Editora Lítero-Técnico, 1978.
- POLINARI, Marcelo. *Fontes para a história do Paraná: cronistas dos séculos XIX e XX*. Curitiba: SEED, 1990.